

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves
(Organizadores)

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO



Atena
Editora
Ano 2021

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves
(Organizadores)

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: minorias, práticas e inclusão

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: minorias, práticas e inclusão / Organizadores
Marcia Moreira de Araújo, Carlos Jordan Lapa Alves. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-040-4
DOI 10.22533/at.ed.404211405

1. Educação. I. Araújo, Marcia Moreira de
(Organizadora). II. Alves, Carlos Jordan Lapa (Organizador).
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Neste momento contemporâneo e avassalador, que minimiza nossa potência de agir, esse livro é um “respirar leve”, e traz consigo outras possibilidades de pensar, fazer e viver a educação neste contexto que inclui e reverbera liberdades e multiplicidades do agir democrático, fora dos padrões colonizados em nossas mentes por séculos.

Inspirados em nossos estudos, temos a urgência em entender como que uma sociedade inteira não se reduz a vigilância e propõe micro-liberdades individuais e coletivas. Junto a Certeau(1994) , problematizamos neste espaço: “que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não ser para alterá-los? Que táticas e artes de fazer engendram nas tramas da vida que formam uma contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”), dos processos silenciados que organizam as micropolíticas e formam as subjetividades diversas?

Eis, portanto, nossa grande missão neste livro: propiciar momentos, debates, críticas e litigar com poderes que permeiam o campo educacional tornando-o tradicional, excludente e retrogrado. A educação do presente não pode e não deve ser desconectada da realidade social, da diversidade étnica, de gênero, religiosa e de crença que a sociedade vive. Talvez, essa seja a hora de derrubar os muros que ergueram em volta das escolas para que este lugar seja de todos e todas.

Pensar raça, gênero, sexualidade, exclusão, inclusão, feminismo, machismo e interseccionalidade no contexto escolar é obrigação de educadores e educadoras neste momento histórico no qual as bases democráticas estão constante tensão. Não cabe a escola e aos professores o papel de agente passivo, mas ações veementes e fortes a favor da luta pela igualdade, equidade e qualidade educacional para todas as crianças de todas as crenças.

Em um país onde as Casas de Leis perdem tempo propondo projetos para inibir e coibir o fazer docente, por exemplo, projeto de Lei 4893/20 que busca criminalizar professores que debatem assuntos ligados a gênero e sexualidade, a balança do poder deve agir criando reações de contrapoder: ao silêncio o barulho, a ordem a desordem, a punição a revolta. Nunca cabe a um docente o papel de submissão, mas ação, a criticidade.

Esperamos que o leitor, ou a leitora, faça produções fecundas e inventivas a partir desta proposição de textos que apresentam uma subversão no espaço educativo nos múltiplos modos de aprendizagens. Desejamos que as apostas sejam a captura do que escapa dos modos imperativos de educação, e que as possibilidades de invenção e criação reverberem na prática docente por uma educação mais condizente com o que a humanidade vem liberando como demandas sociais.

Desejamos uma excelente aventura literária e formativa!

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MULHERES QUILOMBOLAS DE BARRINHA- SFI- RJ: NA LUTA E (RE)EXISTÊNCIA POR SUA LEGITIMAÇÃO COMO CATADORAS DE OSTRAS

Márcia Moreira de Araújo

Leandro Garcia Pinho

DOI 10.22533/at.ed.4042114051

CAPÍTULO 2..... 19

INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFPB: UM ESTUDO DOCUMENTAL SOBRE AS AÇÕES DO COMITÊ DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

Ana Cristina Silva Daxenberger

Maria Sônia Lopes da Silva

Nielson Firmino de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4042114052

CAPÍTULO 3..... 33

IMAGENS E SINAIS: UMA PROPOSTA DE ENSINO COLABORATIVO PARA SE COMPREENDER A OBRA *OS SERTÕES* NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Márcio Araújo de Almeida

Matheus Anacleto da Silva

Paulo Augusto Tamanini

DOI 10.22533/at.ed.4042114053

CAPÍTULO 4..... 50

JOGOS DIDÁTICOS: *HOJE É ... DIA DE BRINCAR !!!*

Leonice Elci Rehfeld Nuglisch

Lucia Oliveira de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.4042114054

CAPÍTULO 5..... 57

O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ESPAÇO *FITNESS*: O ACOLHIMENTO DA PRESENÇA

Robenilson Nascimento dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.4042114055

CAPÍTULO 6..... 73

O DESAFIO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Elida Carolina Almeida Roque

Felippe Wanderley da Costa

Fernanda Gonçalves da Silva

Lohane Miranda da Silva

Lohrena Teixeira Cardoso de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.4042114056

CAPÍTULO 7	82
O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA ATRAVÉS DE ATIVIDADES DESAFIADORAS EM UM ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	
João Marcos Cristiano Tomaz Edêlma Targino	
DOI 10.22533/at.ed.4042114057	
CAPÍTULO 8	96
O PAPEL DO AFETO NO DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA	
Maria Paula Rodrigues de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.4042114058	
CAPÍTULO 9	107
O ENSINO DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DO SOROBAN: UM RECURSO CONCRETO QUE PODE SER UTILIZADO POR TODOS	
Raffaela de Menezes Lupetina Margareth Oliveira Olegário	
DOI 10.22533/at.ed.4042114059	
CAPÍTULO 10	117
O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO	
Sabrina dos Santos Silva de Almeida Rágina Candido da Silva Costalonga Isabel Cristina Polonine Leonardo Barreto da Costa Cristiano de Assis Silva	
DOI 10.22533/at.ed.40421140510	
CAPÍTULO 11	130
OS DIREITOS DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Luciene Cristina de Assis Elivania Cristina de Assis Ananias	
DOI 10.22533/at.ed.40421140511	
CAPÍTULO 12	138
O USO DE TDIC NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR	
Suellen Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.40421140512	
CAPÍTULO 13	149
OS PROBLEMAS RELACIONADOS A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Leylyane da Conceição Gomes Ferreira Katia de Souza Merence Vanda das Neves Gomes	

Rayane Batista de Moraes
Graciema da Cruz Silva
DOI 10.22533/at.ed.40421140513

CAPÍTULO 14..... 161

PAIS SURDOS – ESCOLA OUVINTE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Giseli de Oliveira Fonseca
Edmar Reis Thiengo

DOI 10.22533/at.ed.40421140514

CAPÍTULO 15..... 181

POETIZAR A CEGUEIRA: O FILME *VERMELHO COMO O CÉU* E A EDUCAÇÃO COM O SONORO

Glauber Resende Domingues

DOI 10.22533/at.ed.40421140515

CAPÍTULO 16..... 192

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS COM ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL DIPARÉTICA: ESTUDO DE CASO

Marciana dos Santos Silva Ventura
Katia Gonçalves Castor

DOI 10.22533/at.ed.40421140516

CAPÍTULO 17..... 204

RETRATOS, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS

João Paulo Apolari
Ana Paula Ferreira de Melo Morgado
Thaís Casemiro Flores
Marta de Fátima Silva Forsan
Ivanete de Oliveira Dorta

DOI 10.22533/at.ed.40421140517

CAPÍTULO 18..... 213

O SERVIÇO SOCIAL DESENVOLVIDO NA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE)

Alexsandra do Socorro Farias Fernandes
Kleber Vinicius G. Feio
Dayane Cereja Ferreira da Silva
Ivana Lia Rodrigues de Carvalho
Raimunda da Silva Santana
Marlene Ribeiro Reis
Mariana do Ó Teixeira Santos
Beatriz Ribeiro Reis

DOI 10.22533/at.ed.40421140518

CAPÍTULO 19..... 226

REFLEXÕES ACERCA DA MOBILIDADE URBANA: DESAFIOS DE ACESSIBILIDADE

Andreia da Silva Neto

Sheila Venancia da Silva Vieira
DOI 10.22533/at.ed.40421140519

CAPÍTULO 20.....234

SOCIEDADE E DIREITO: MANUTENÇÃO DE PAPÉIS SOCIAIS E A IMPORTÂNCIA DA PROMOÇÃO DA MULHER

Júlio César Pinheiro do Nascimento
Samuel Henrique

DOI 10.22533/at.ed.40421140520

CAPÍTULO 21.....242

TRAJETÓRIA DE VIDA, AUTOETNOGRAFIA E GÊNERO: RESSIGNIFICAÇÃO DA EXISTÊNCIA A PARTIR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO

Aparecida de Fátima Pereira Balbina
Márcia Maria de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.40421140521

CAPÍTULO 22.....253

UMA COMPREENSÃO ACERCA DO PAPEL DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS À COMUNIDADE SURDA: PERSPECTIVAS TEÓRICO-REFLEXIVAS

Luan Tarlau Balieiro

DOI 10.22533/at.ed.40421140522

CAPÍTULO 23.....260

VIOLÊNCIA A PESSOAS NA ESCOLA

Maria Vera Lúcia da Rocha Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.40421140523

CAPÍTULO 24.....273

VALORIZANDO A DIVERSIDADE CULTURAL: OFICINA DE ABAYOMIS

Pâmela Camile Silva Benevenuto Rodrigues
Milena Moreira de Oliveira
Aparecida Fátima Camila Reis

DOI 10.22533/at.ed.40421140524

CAPÍTULO 25.....279

STARTUP EDUKANET: UMA PROPOSTA DE SISTEMA EDUCACIONAL E TECNOLÓGICO PARA SURDOS

Nathalia da Silva Castro
Giseli de Oliveira Fonseca
Anilton Salles Garcia

DOI 10.22533/at.ed.40421140525

CAPÍTULO 26.....290

CURRÍCULO E CULTURA SURDA: A EDUCAÇÃO BICULTURAL EM QUESTÃO

Cauê Jucá Ferreira Marques
Marilene Calderaro Munguba

DOI 10.22533/at.ed.40421140526

CAPÍTULO 27	297
EDUCAR NO CÁRCERE: FUNDAMENTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO EM PRISÕES Luana Soares Pereira Marilde Chaves dos Santos DOI 10.22533/at.ed.40421140527	
SOBRE OS ORGANIZADORES	308
ÍNDICE REMISSIVO	309

CAPÍTULO 1

MULHERES QUILOMBOLAS DE BARRINHA-SFI- RJ: NA LUTA E (RE)EXISTÊNCIA POR SUA LEGITIMAÇÃO COMO CATADORAS DE OSTRAS

Data de aceite: 03/05/2021

Márcia Moreira de Araújo

Professora Pós doutora em Políticas sociais- UENF-RJ –Programa de políticas sociais
<https://orcid.org/0000-0002-1286-4848>

Leandro Garcia Pinho

Professor Pós Doutor supervisor desta pesquisa de pós doutorado-UENF –RJ – Programa de Políticas sociais
<https://orcid.org/0000-0002-8013-0520>

RESUMO: Esse texto resulta de uma pesquisa de pós-doutoramento (2018-2020) e traduz a complexidade das ações que foram realizadas – numa perspectiva do estudo do gênero e deste nas relações de poder, e a especificidade das mulheres quilombolas de Barrinha -RJ- em seus processos de empoderamento na localidade, em busca do reconhecimento de sua profissionalização na cadeia da Pesca. Por esse viés, o Projeto Mulheres na Pesca- UENF- RJ, do Programa de políticas públicas da UENF- RJ, subsidia os dados dessa pesquisa, através da imersão dos pesquisadores e a equipe de produção midiática no quilombo de Barrinhas- São Francisco de Itabapoana- RJ, objetivando identificar os conflitos vividos por essas mulheres pescadoras ao longo do litoral norte fluminense e águas interiores. Por esse viés, a pesquisa objetivou provocar encontros com diálogos pertinentes e potentes, rotinas do extrativismo, manejo e revenda das ostras e o cotidiano dessas mulheres, criados como “linha de frente”

para atenuar incertezas e outros processos, de modo a explicar os híbridos processos culturais e as mutações sociais. A produção de dados com a pesquisa narrativa e etnoecologia , apresenta as peculiares “falas impressas e marcadas pelo tempo da pesquisa”, junto ao desenho inicial da comunidade quilombola de Barrinha- em São Francisco de Itabapoana-RJ.

PALAVRAS- CHAVE: Mulheres quilombolas, relações de gênero, políticas públicas.

ABSTRACT: This text results from a postdoctoral research (2018-2020) and translates the complexity of the actions that were carried out - from a perspective of the study of gender and this in the power relations, and the specificity of the quilombola women of Barrinha -RJ- in their empowerment processes in the locality, seeking recognition of their professionalism in the Fisheries chain. For this reason, the Project Women in Fishing - UENF- RJ, of the Public Policy Program of UENF-RJ, subsidizes the data of this research, through the immersion of the researchers and the media production team in the quilombo of Barrinhas- São Francisco de Itabapoana - RJ, aiming to identify the conflicts experienced by these women fishermen along the north coast of Rio de Janeiro and inland waters. Accordingly, the research aimed to provoke encounters with pertinent and powerful dialogues, extraction routines, handling and resale of oysters and the daily lives of these women, created as a “front line” to mitigate uncertainties and other processes, in order to explain the hybrids cultural processes and social changes. The production of data with narrative research and ethnoecology,

presents the peculiar “printed speeches and marked by the time of the research”, along with the initial design of the quilombola community of Barrinha- in São Francisco de Itabapoana-RJ.

KEYWORDS: Quilombola women, gender relations, public policies.

1 | PROTAGONISMO DAS MULHERES QUILOMBOLAS

Potência de vida é um conceito estudado desde o século XVII , por Baruch Espinosa. Seus estudos contrariaram uma norma culta e religiosa vigente sobre a possibilidade do encontro dos corpos e a produção de composições e afetos . Por esse prisma, Espinosa (apud DELUZE, 2002) nos ensina que quando os corpos se afetam de maneira harmônica e produtiva, eles por si, estabelecem uma composição, o que discorre em uma paixão alegre, ou em uma escala maior, uma potência de ações , que gerarão novas ações afetuosas e produtivas. Do mesmo modo, o autor também adverte que quando os corpos não estabelecem uma conexão, automaticamente as decomposições afetaram esses corpos, gerando paixões tristes, desafetos. Através dessa analogia/ sincronia , apresentamos as proposições que nos levaram a esse campo de estudo: o Quilombo de Barrinha-SFI¹-RJ e a partir deste, tecer as intersectorialidades e interceccionalidades que essa pesquisa traz com a força expressiva entre a cultura, as relações de gênero, as relações ecológicas e sócio ambientais , econômicas e históricas.

Iniciamos nossa apresentação pelo intenso estudo bibliográfico que nos fez debruçar para conhecer sobre o que iríamos auxiliar, enquanto Pesquisadores do Projeto Mulheres na Pesca , financiado pela FAPUR² e pela FUNBIO³ e executado pela UENF- RJ⁴. Esse projeto fez parte de uma condicionante de recuperação das áreas de exploração petrolífera na Bacia de Campos e se estendeu para os municípios do litoral norte fluminense e águas interiores, pois, enquanto parte da equipe, identificamos pescadoras/ catadoras de ostras nesses locais.

O objetivo macro do projeto Mulheres na Pesca, foi elaborar uma cartografia dos lugares onde essas mulheres pescam, bem como seus fazeres e saberes peculiares, e principalmente os conflitos vivenciados que dificultam a arte da pesca. As artes de pesca⁵, seus saberes e os conflitos ambientais por estas vivenciados, diversificam de local para local. Entre os mais citados , estão as mudanças ocasionadas pela ação ou intervenção de grandes empreendimentos, falta de reconhecimento de seu espaço enquanto mulher pescadora, o que ainda não se discute muito em nosso país, e a falta de uma legislação específica para as mulheres catadoras de ostras – uma política específica que , nesse caso, insere as mulheres catadoras de ostras de Barrinha- RJ.

1 São Francisco de Itabapoana-RJ

2 Fundação de apoio à pesquisa científica e tecnológica da UFRJ. Órgão financiador .

3 Fundo Brasileiro para a biodiversidade. Órgão financiador

4 Universidade estadual do norte fluminense “ Darcy Ribeiro”.

5 <https://www.mulheresnapesca.uenf.br/mapa.php>

A área de Pesquisa do Projeto Mulheres na Pesca compreende desde a região de São Francisco de Itabapoana até a região de Arraial do Cabo. A pesquisa resultou em um mapa cartográfico que encontra-se no site do Projeto Mulheres na Pesca, com a evidenciação do conflito e um vídeo elaborado em conjunto com as mulheres em atividade. Essa pesquisa de Pós-doutorado, visitou e trabalhou através da etnoecologia e da Pesquisa Narrativa, os saberes e fazeres das Mulheres quilombolas Catadoras de Ostras de Barrinha- SFI- RJ. Através da etnoecologia procuramos entender a relação vivenciada por essas comunidades tradicionais , em especial as mulheres, em relação ao extrativismo das ostras e através da pesquisa narrativa , buscamos indícios da ausência de documentação e auxílio beneficiário para que estas mulheres venham a continuar exercendo seus fazeres no campo de extração de ostras, a partir das cinco horas da manhã, na Praia de Manguinhos. Adentramos ao contexto histórico e social do Quilombo de Barrinha e nos surpreendemos ao estudarmos a história para compreendermos o papel social e o protagonismo destas mulheres para que o reconhecimento de sua profissão seja legitimado através das políticas públicas deste país.

1.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA NA IDENTIDADE FEMININA NO QUILOMBO DE Barrinha

O quilombo de Barrinha teve seu reconhecimento legal pela carta de Palmares em 22 de agosto de 2013. O início desse reconhecimento deu-se a partir do decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003 regulamentou “*o procedimento para identificação, reconhecimento, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o artigo 68 do ato das disposições constitucionais transitórias*”. Segundo Cardoso (2009), a Comissão pastoral da Terra , iniciou em 2004 , as reuniões junto aos remanescentes quilombolas para seu reconhecimento legal. De 2004 a 2013 , os trâmites legais transcorreram para a legalização do Quilombo de Barrinhas. Este localiza-se a 10 km de São Francisco de Itabapoana e a 2 km da praia de Manguinhos, local de extração de ostras. O povo do quilombo origina-se da África, especificamente da etnia Bantos (Do Congo e de Angola). Esses aportaram-se para o trabalho escravo nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco.

De acordo com Cardoso (2009) , a história do quilombo de Barrinhas é marcada por um passado triste e sombrio. Equipara-se a história da escravatura brasileira, em que os escravos eram comprados para servir de mão de obra na indústria sulco-alcooleira. Muitos morreram de doenças, deixados ao acaso, pois era mais barato comprar um escravo africano e trazê-lo embarcado para o Brasil, do que tratar o que estava agonizando pelo excesso de trabalho na extração de cana-de-açúcar da região de Campos-RJ. A autora descreve que em 1808, em Campos, a população total de 31.917 habitantes , 17.357 eram escravos e 14.560 pessoas livres. Já em 1850, esse índice populacional acompanhou a expansão da economia local 37.747 escravos e 31.475 pessoas livres.

Silva (2009) cita que a comunidade quilombola se constitui em uma área de interesse público desde o Brasil Colonial e Imperial. Ao longo deste período, o quilombo aparece como um termo jurídico, referindo a um crime. Para Almeida (apud Silvia, 2009), uma das primeiras definições oficiais ocorreu em 1740, quando em resposta ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino definiu quilombo da seguinte maneira: “*toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele.*” Nessa definição é possível perceber que, de modo geral, o quilombo tinha por elementos básicos: a fuga; o número de fugitivos (que podia variar de acordo com a legislação em vigor); isolamento geográfico; o rancho, e a capacidade de reprodução e autoconsumo do grupo.

Pesquisamos no decorrer de uma história triste do processo colonizador – em grande parte, eurocêntrico e branco – hegemônico nessa lógica excludente. Tal exclusão repete-se após anos de histórias marcadas por vidas fragmentadas e alijadas no processo social. Desta maneira, contaremos parte de nossa inserção na comunidade quilombola de Barrinhas- em São Francisco de Itabapoana- RJ. Por esse viés, o Projeto Mulheres na Pesca subsidia os dados dessa pesquisa, através da imersão dos pesquisadores e a equipe midiática nesse quilombo. Outras regiões do litoral da Baixada Fluminense também investigam, analisam e problematizam as relações das mulheres com a pesca e deste campo profissional visto pelos atores sociais. Ao compor a equipe do Projeto Mulheres na Pesca, a delimitação do campo dessa pesquisa se deu por aproximação a minha residência(ES) ao Quilombo e pela afinidade curricular e cultural com a proposição dessa investigação que , em sua peculiaridade, investiga os fazeres, saberes e poderes das mulheres negras que catam ostras para sua sobrevivência e (re) existem as lógicas neoliberais / capitalísticas, mantendo as tradições culturais de seus ancestrais na extração dessas espécies de ostras por extrativismo na Praia de Manguinhos(região próxima) e revenda nos locais da comunidade.

O texto tem como aporte histórico cultural e ambiental da comunidade quilombola de Barrinhas-RJ em especial, a especificidade do cotidiano das mulheres que catam ostras para a revenda na BR 101- RJ, sujeitas a negligências e outras vulnerabilidades. A pesquisa ainda investigou os cotidianos dessas mulheres *in lócuo* (CERTEAU, 1994). Interessa-nos as invenções, que o autor descreve como “Tática dos praticantes”, bem como a descrição dos homens ordinários em seus fazeres singulares nos âmbitos culturais, ambientais e excepcionalmente sociais.

Com esses aportes metodológicos e os autores que nos acompanham nesta trajetória pela visibilização desses fazeres, às vezes, aliados de outros processos sociais. Essa visibilização configura-se plena ao evidenciar o trabalho dessas mulheres, em especial, as catadoras de ostras do Quilombo de Barrinha- em São Francisco de Itabapoana , que não são reconhecidas nas políticas públicas enquanto categoria na pesca, o que as impossibilita de receber auxílios adicionais e reconhecimento previdenciário enquanto políticas públicas.

A mulher catadora de ostras como centro da investigação, abriu espaço para amizades e outras informações relevantes para a pesquisa, potencializando-a.

Em relação a intersectorialidade que essa temática envolve, procuramos referenciais que trabalharam em campo, o Quilombo de Barrinha, e a autora Cardoso (2009) traz uma contribuição monográfica pelo Instituto Federal Fluminense sobre a expansão dos mercados europeus no século XV, e que formou a mão-de-obra escrava no Brasil e outras localidades dos territórios explorados. A autora descreve sobre a estrutura colonial Norte fluminense, que se fundamentava na mão-de-obra escrava, no latifúndio e na monocultura de produtos tropicais de exportação, principalmente a cana – de – açúcar e derivados.

Durante nossas inferências na e com a comunidade, apenas 30% das mulheres nos receberam, já que as demais catadoras de ostras estavam fora da comunidade, desenvolvendo outras atividades que as competiam enquanto donas de casa. Durante o diálogo com a líder comunitária, Sr^a Lídia, muitas narrativas foram produzidas. Essas narrativas subsidiarão nossas apresentações em eventos e publicações, tais como “*Sou Lídia, vou te levar até aonde estão as catadoras de ostras. Por favor, chame elas de catadoras de ostras, não somos marisqueiras*”. O que nos alerta para a honestidade em não se assumirem como marisqueiras, que já possuem o defeso⁶ garantido, além de outros benefícios e fazer parte da composição da colônia de pesca.

Outras narrativas também trouxeram à tona, uma realidade triste, invisibilizada, que Santos (2000) traduz com “democracia de baixa intensidade”. Que configura-se numa democracia velada, que exclui grupos tradicionais de seus direitos básicos

Aquela que vem com o saco nas costas, não tem garantia de nada. Não temos garantia de nada. Ela é diabética, o marido dela é diabético, tem 64 anos, não tem como sobreviver e não existe garantia de nada. O marido dela trabalha na enxada, com problema de varizes, ele trabalha se firmando, por que não aguenta ficar em pé, e não tem benefício nenhum. Eu já rodei, fui na prefeitura, na promoção social e não dá nada a eles. (LÍDIA, setembro de 2018).

As fichas da comunidade foram elaboradas com informações do conflito vivenciado. O maior deles é o não reconhecimento dessas mulheres enquanto catadoras de ostras. Pois os conflitos socioambientais já enfrentados no passado, com a instalação do Porto Canaã, que mobilizou a comunidade em participação em audiências públicas.

A líder quilombola traz em sua narrativa as fortes evidências históricas da formação do quilombo de Barrinhas:

Meu pai e meu tio, fundadores dessa comunidade, foram jogados do navio e conseguiram nadar até a praia de Manguinhos. Essa praia é cheia de crânios que rolam com a maré vazia. Ao chegar na praia, conseguiram correr pra dentro do mato e fundar a nossa comunidade. Aqui temos herança de nossos ancestrais. Somos 99 famílias que repassam seus terrenos de “pais para

6 Período que recebem benefícios do governo federal enquanto a espécie capturada se reproduz

filhos". Ainda temos nossas lutas, que são muitas. Já conquistamos algumas coisas, e a principal, foi o reconhecimento da nossa comunidade. (LIDIA, Set. 2018).

Um legado de lutas e trajetórias históricas excludentes. Socialmente, o Quilombo de Barrinhas traz uma visibilidade no cenário local e nacional, mas as mulheres ainda lutam por seu espaço de reconhecimento nas políticas públicas. Segundo Santos (2010), a sociologia das ausências emerge com apelos políticos de visibilidade e reconhecimento das comunidades tradicionais. No século XXI, ainda temos que lutar por conquistas e buscar a legitimidade do outro, principalmente sobre o negro na história e construção do país.

Essas narrativas traduzem a importância da história e da (re) existência desses povos diante de uma imposição do neoliberalismo. Pensar por outras lógicas, mais éticas, mais estéticas, com maior sensibilidade e altruísmo, no e pelo encontro de sociedades igualitárias em direito e permanência de seus espaços culturais e históricos.

1.2 As ausências e as emergências no universo das catadoras de ostras

Os direitos humanos e políticos foram escritos e regulamentados para todos. Alguns, portanto, vivem a margem do sistema administrativo e político do e no Brasil. Para Santos (2010), enquanto a sociologia das ausências expande o domínio das experiências sociais já disponíveis, a sociologia das emergências expande o domínio das experiências sociais possíveis. As duas sociologias estão estreitamente associadas, visto que quanto mais experiências estiverem disponíveis no mundo, mais experiências são possíveis no futuro.

Nossa aposta metodológica se deu por uma cartografia social, entrelaçando a política da narratividade com as invenções e táticas possíveis dessa **mulher** ordinária. (grifo nosso, CERTEAU, 1994). Essa mulher que se contrapõe a uma lógica capitalística vigente e desenvolve em sua cultura seus saberes ordinários, excepcionais e plurais que dialogam com os referenciais teóricos dessa pesquisa com muita intensidade. Partimos de um ponto e traçamos um percurso de investigação junto a essas mulheres que catam ostras no costão rochoso da Praia de Manguinhos, em São Francisco de Itabapoana, RJ.

Durante nossas visitas da pesquisa de campo, optamos por gravar as conversas, que aqui consideramos como narrativas, por estarem potencializadas política e socialmente. Narrativas que desvelam as dores e os prazeres de quem exerce diariamente seus fazeres de catadoras de ostras. Segue uma narrativa que nos encanta, enquanto legitimação desse saber:

Aqui nós não queremos ser tratadas como marisqueiras, porque ninguém aqui cata marisco. Catamos, limpamos e vendemos ostras por litro. Então... somos catadoras de ostras. Outra coisa, não queremos não!

O que nos impressionou foi a força que essa narrativa tem na luta pelo reconhecimento enquanto catadoras de ostras, e demonstra a honestidade dessas mulheres, pois muitas denúncias são feitas nas colônias de pesca sobre as "burlas" dos

sujeitos envolvidos no setor pesqueiro. Ou mesmo, aqueles que usufruem e não estão inseridos no setor pesqueiro.

Santos (2010) fala sobre a necessidade de pensarmos numa “reinvenção da emancipação social. Este projeto propõe estudar as alternativas à globalização neoliberal e ao capitalismo global produzidas pelos movimentos sociais e pelas organizações governamentais ou não, na sua luta contra a exclusão e a discriminação em diferentes domínios sociais no Brasil e em outros países do sul global. Algumas iniciativas foram identificadas, segundo o autor mencionado nesse parágrafo, tais como:

Democracia participativa, sistemas de produção alternativos e economia solidária; multiculturalismo, direitos coletivos, pluralismo jurídico e cidadania cultural; alternativas aos direitos de propriedade intelectual capitalistas e proteção da biodiversidade e diversidade epistêmica do mundo; novo internacionalismo operário. (SANTOS, 2010, p.93).

A sociologia das ausências visa trazer à tona o que está sendo invisibilizado pelo mundo. Um modelo de racionalidade que compõe a razão cosmopolita, que Santos (2010) evidencia em três procedimentos meta-sociológicos: a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução. O autor explica que “*Para expandir o presente, proponho uma sociologia das ausências; para contrair o futuro, uma sociologia das emergências*”.

Uma sociologia das ausências que implica nas relações cotidianas que o gênero masculino impõe no universo da pesca e em outros setores. Nesse caso em particular, os homens do quilombo não se envolvem com esses fazeres na extração das ostras. Alguns pescam, outros lidam com a agricultura em seu terreno, entre outros fazeres do cotidiano da comunidade quilombola.

O cotidiano dessas mulheres quilombolas de Barrinha nos permite discutir com esses procedimentos meta-sociológicos, pois sentimos que suas experiências enquanto catadoras de ostras, está invisibilizada junto as políticas do setor de ordenamento pesqueiro. Nesse caso, a sociologia das ausências potencializa essa discussão por ainda dialogar com a intersectorialidade cultural que atravessa toda a pesquisa com e no quilombo de Barrinha, RJ. Como plano emergencial, a visibilidade dessa pesquisa e de outras ações que envolvam as catadoras de ostras junto ao poder político e que tragam benefícios e legitimidade junto aos setores e a política da pesca, relaciona-se a sociologia das emergências. E em relação ao terceiro procedimento, que seria o trabalho de tradução, “*um procedimento capaz de criar uma inteligibilidade mútua entre as experiências possíveis e disponíveis sem destruir a identidade*”. (SANTOS, 2010)

Quanto mais ampla for a realidade credível, mais vasto é o campo dos sinais ou pistas credíveis e dos futuros possíveis e concretos. Quanto maior for a multiplicidade e diversidade das experiências disponíveis e possíveis (conhecimentos e agentes), maior será a expansão do presente e a contração do futuro. Na sociologia das ausências, essa

multiplicação e diversificação ocorre pela via da ecologia dos saberes, dos tempos, das diferenças, das escalas e das produções, ao passo que a sociologia das emergências as revela por via da amplificação simbólica das pistas ou sinais.

21 DIFERENTES , DESIGUAIS E DESCONECTADAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: PELA VISIBILIZAÇÃO DOS DIREITOS DAS CATADORAS DE OSTRAS DE BARRINHA

Los estudios recientes tienden a incluir bajo este concepto al conjunto de intervenciones realizadas por el estado, las instituciones civiles y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o transformación social. Pero esta manera de caracterizar el ámbito de las políticas culturales necesita ser ampliada teniendo en cuenta el carácter transnacional de los procesos simbólicos y materiales en la actualidad (CANCLINI, 2005, p. 78)

O ritmo de progressão e modernização da sociedade tem invisibilizado comunidades tradicionais, que muito tem a contribuir com suas narrativas de vida e histórias singulares. A evolução e o ritmo “progressivo” tem determinado o caráter omnipresente das políticas públicas, que deixam de lado manifestos planos sociais, sendo estas, motivadoras de inquietações e produções acadêmicas como essa proposta com o Projeto Mulheres da Pesca, iniciando em 2018, como proposição de análise de pós-doutoramento. Os dados produzidos nesse trabalho aconteceram no período de junho de 2018 a julho de 2019.

Por esse viés, a pesquisa objetiva provocar encontros com diálogos pertinentes a pesquisa, rotinas e alternativas outras, criadas como “linha de frente” para atenuar incertezas e outros processos, de modo a explicar os híbridos processos culturais e as mutações sociais, junto a comunidade quilombola de Barrinha- em São Francisco de Itabapoana-RJ.

Na produção de dados, a pesquisa utilizou como embasamento metodológico , a pesquisa narrativa, diálogos e conversações . Com o intuito de fazer um reconhecimento da cultura do local, outras metodologias foram utilizadas como a etnoecologia (DIEGUES,2000). Fazendo um apanhado histórico cultural e ambiental da comunidade quilombola de Barrinhas-RJ em especial, a especificidade do cotidiano das mulheres que catam ostras para a revenda na BR 101- RJ, sujeitas a negligências e outras vulnerabilidades. A pesquisa ainda investigou os cotidianos dessas mulheres *in lócuo* (CERTEAU, 1994) . Interessa-nos as invenções, que o autor descreve como “*Tática dos praticantes*”, bem como a descrição dos homens ordinários em seus fazeres singulares nos âmbitos culturais, ambientais e excepcionalmente sociais. O modo de extração e as formas de sobrevivência nos fazeres do quilombo , configuram-se como táticas em sua originalidade em relação a outras culturas.

Com esses aportes metodológicos e os autores que nos acompanham nesta trajetória pela visibilização desses fazeres, às vezes, aliados de outros processos sociais. Essa

visibilização configura-se plena ao evidenciar o trabalho dessas mulheres, em especial, as catadoras de ostras do Quilombo de Barrinha- em São Francisco de Itabapoana , que não são reconhecidas nas políticas públicas enquanto categoria na pesca, o que as impossibilita de receber auxílios adicionais do governo. Para o autor Canclini, que teoriza sobre os estudos culturais, consideramos que *“A própria pluralidade de culturas contribui para a diversidade de paradigmas científicos ao contribuir, ao condicionar a produção do saber e apresentar objetos de conhecimento com configurações muito variadas”*. (CANCLINI,2005, p. 37).

O Quilombo de Barrinha vem sendo objeto de pesquisas há mais de nove anos e, de certa forma, alguns moradores, encontram-se resistentes a ceder entrevistas ou ao mesmo recepcionar. Uma forma de apresentar suas exigências ou súplicas , que ressoam a partir de suas expectativas de melhorias e outros benefícios para esse exercício tradicional de extração de ostras.

Hellebrandt (2017) descreve em sua tese, a experiência de mulheres pescadoras em Santa Catarina e a luta por esse espaço até então, dominado pelos homens. A autora evidencia suas percepções na pesquisa:

O cruzamento com o tema gênero apareceu para mim somente no final do mestrado, quando pesquisava conflitos na pesca artesanal - tema que interseccionava os interesses da gestão costeira com minha formação de cientista social. A partir daquele momento em que me deparei com um conflito de gênero na pesca, comecei a perceber o lapso de estudos sobre mulheres na pesca. Não estou me referindo apenas aos estudos em que mulheres são protagonistas, a maioria dos estudos sequer cita a existência de mulheres no universo da pesca. (p.27)

A autora ainda salienta que problematizar isto é importante, pois muitas vezes os estudos científicos são base para a formulação de políticas públicas. Consequentemente, se não há mulheres no universo pesqueiro retratado pelos estudos científicos de gestão pesqueira, não há políticas públicas com foco nelas. É o caso dessas mulheres do Quilombo de Barrinhas, que não são oficialmente reconhecidas pelo Ministério da Pesca, nem em outros programas, nesse caso, como catadoras de ostras, que elas enfatizam sobre esse reconhecimento específico.

Assim como a referida autora, essa pesquisa tem dentre suas proposições, contribuir para o campo de estudos de gênero e investir na intersectorialidade como temática transversal, pois adentramos ao universo do Quilombo de Barrinha, que apresenta uma significativa luta para seu reconhecimento enquanto quilombolas remanescentes, ocorrido em 22 de agosto de 2013 com a posse da carta de Palmares, documento legitimador do Quilombo, garantindo assim , sua tradição cultural.

Em relação a intersectorialidade que essa temática envolve, procuramos referenciais que trabalharam em campo , o Quilombo de Barrinha, e a autora Cardoso (2009) traz uma contribuição monográfica pelo Instituto Federal Fluminense sobre a expansão dos

mercados europeus no século XV, e que formou a mão-de-obra escrava no Brasil e outras localidades dos territórios explorados. A autora descreve sobre a estrutura colonial Norte fluminense, que fundamentava-se na mão-de-obra escrava, no latifúndio e na monocultura de produtos tropicais de exportação, principalmente a cana – de – açúcar e derivados. A autora descreve :

Exportando açúcar e seus derivados para o Rio de Janeiro e para outras regiões próximas, os numerosos engenhos da planície norte fluminense , progredindo, vão exigir mais braços , principalmente no início do século XIX, com a instalação da corte real portuguesa no Rio de Janeiro, em que fez aumentar o consumo de açúcar. O Aumento dos cativos na planície foi tão expressivo que , em 1808, só no município de Campos, da população de 31.917 habitantes , 17.317 eram escravos e 14.560 eram pessoas livres. (CARDOSO, 2009)

A pesquisa abarca uma multiplicidade de aspectos sociais , históricos , econômicos e de gênero, pois , muito nos interessa descrever o papel social das mulheres catadoras de ostras e as mulheres , que hoje assumem a liderança do Quilombo de Barrinhas e lutam pelo reconhecimento de “catadoras de ostras” nas políticas públicas , em busca de garantias e benefícios. Interessante que não aceitam o reconhecimento de marisqueiras, categoria já inserida nas políticas públicas – o que gerou um encantamento sobre a honestidade dessas mulheres.

2.1 A potência do encontro com a pesquisa e com o quilombo de Barrinha

Após a entrevista e os trâmites do processo de inclusão no curso de pós-doutorado, a coordenadora do Projeto Mulheres na Pesca, Prof^a Dr^a Silvia Alicia Martínez dialogou em reunião com a equipe sobre a afinidade com a pesquisa de cunho político, ambiental e cultural, no Quilombo de Barrinhas – em São Francisco de Itabapoana- RJ. A pesquisa, intitulada de *Mulheres Quilombolas na pesca: (Re) existências no manejo e extração de ostras em Barrinhas- RJ-* sob a supervisão do Prof^o Dr^o Leandro Garcia Pinho.

A pesquisa em campo já havia sido iniciada pela equipe do Projeto Mulheres na Pesca, que foram recepcionadas pelas catadoras de conchas do Quilombo de Barrinhas-especialmente por sua líder- Sr^a Lidia e sua prima Graça.

Entre os períodos referentes à viagem de campo para a realização de entrevistas semiestruturadas no município de São Francisco de Itabapoana, RJ, houve um cuidado ao acompanhar e previamente agendar as datas para o contato com as mulheres quilombolas. A primeira visita de campo teve como objetivo conhecer a realidade vivida pelas mulheres envolvidas na coleta de ostras do Quilombo de Barrinha. Foi feito, com autorização prévia das entrevistadas, o registro audiovisual dos relatos para captar mais fielmente possível a realidade vivida no território por essas mulheres.

A equipe do projeto realizou workshops para apresentação dos dados produzidos nos campos, socialização entre as pesquisas e pesquisadores, estudos para bases teóricas

sólidas e formação de categorias de análise das entrevistas. A proposição seguia a reunião dos estudos de gênero na cadeia produtiva da pesca.

Em Setembro de 2018 foi a primeira visita ao Quilombo de Barrinhas em São Francisco. Fomos recepcionadas para a produção de dados, as 8h da manhã por Lídia, que é presidente da associação comunitária. A mesma direcionou-me para o local onde estava acontecendo a catação de ostras. Fomos de carro até a Praia de Manguinhos, onde estava tendo a catação *in lócuo*. Encontramos três mulheres catando as ostras e somente uma delas apresentou uma resistência total advinda de outras instituições que tem “usado” constantemente o nome dessa comunidade tradicional e, segundo as próprias narrativas da líder comunitária, são poucos os benefícios apresentados na contrapartida ou na devolutiva por essas produções, sejam artísticas, sejam acadêmicas.

A Sr. Lidia , mencionou que o Quilombo de Barrinhas realiza frequentemente um intercâmbio com o quilombo de Cacimbinha. Nesse Quilombo, localizado no ES, os benefícios são muitos, dentre eles, o vale gás, que é intenso e constante. De acordo com a narrativa da líder quilombola, a comunidade ainda não tem um espaço de reuniões e recepção de pessoas ou instituições. Segue sua narrativa, que vai ao encontro das resistências que a comunidade enfrenta:

Estamos cansados de tantas promessas, principalmente dos políticos. Precisamos de um espaço para reuniões . Antes, fazíamos na igreja católica, agora nem nossos mortos podemos velar mais na igreja católica, pois o padre não concorda.

As demais visitas de campo tiveram como objetivo continuar a descrever a realidade vivida pelas mulheres envolvidas na coleta de ostras do Quilombo de Barrinha. Foram produzidas imagens, com autorização prévia das entrevistadas, o registro audiovisual dos relatos para captar fielmente possível a realidade vivida no território por essas mulheres.

As mulheres catadoras de ostras usam bicicletas e motos ou andam a pé até a praia de Manguinhos, que dista 2km de distância, para extrair as ostras e transportá-las, trabalho que se realiza sempre em manhãs de “maré vazia”, isto é, quando a água do mar atinge níveis mais baixos dentro do ciclo lunar, pois em períodos de maré cheia a área de extração fica submersa.

O trabalho de extração exige um grande esforço físico, pois as mulheres levantam bem cedo e vão para o local, onde realizam suas atividades em uma posição ergonômica desfavorável, que gera riscos à saúde ao extraírem as ostras com a coluna curvada, tendo ainda que transportá-las em sacos. Como afirma Lídia Ferreira, o único meio de transporte é a bicicleta, que é utilizada para o transporte dos sacos de ostras até o quilombo:

Uma leva o que catou de bicicleta, as outras levam a pé. Sofrem de muita dor na coluna, nas pernas. Aquela que vem com o saco nas costas, não tem garantia de nada. Não temos garantia de nada. Ela é diabética, o marido dela é diabético, tem 64 anos, Não tem como sobreviver e não existe garantia

de nada. O marido dela trabalha na enxada, com problema de varizes, ele trabalha se firmando, porque não aguenta ficar em pé, e não tem benefício nenhum. Eu já rodei, fui na prefeitura, na promoção social e não dá nada a eles.

Após a catação, as mulheres ferventam o fruto da coleta em um caldeirão e retiram as ostras de suas conchas para, então, colocarem seu produto à venda na beira da estrada. Uma das catadoras de ostras descreve como realiza o trabalho:

Acordei as 5 horas da manhã para tirar essas ostras. O caldeirão vai ferver na lenha. Depois vamos tirar com a faca, uma por uma, dentro da concha. Esse tanto aqui [mostra o monte de conchas extraídas], vai dar uns dois litros (M.G.P., catadora de ostras do Quilombo de Barrinha)

O trabalho de catação alterna-se de acordo com a demanda na comercialização das ostras extraídas. Sendo assim, a pluriatividade, com a realização de atividades complementares como trabalho em casa de veraneio, é uma forma de obter uma renda extra, o que não seria necessário se a legitimação do trabalho na catação das ostras fosse reconhecido com seu registro na pesca e direitos previdenciários garantidos.

Essas mulheres anseiam e aguardam pelo reconhecimento da categoria de catadoras de ostras nas políticas públicas oficializadas, como o Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP), e assim gozarem de seus direitos profissionais. A ausência de direitos contribui para a necessidade de trabalharem em atividades complementares para sua subsistência, como se pode apurar na narrativa abaixo:

[...] vou falar a verdade para você: é muito difícil! Meu marido não é aposentado, eu não sou aposentada e não somos reconhecidas. E ainda querem mudar isso. Parece que aposenta com 65 anos. Meu marido tá lá capinando na roça de mandioca e amendoim, mas tá muito difícil para a gente. Aí dizem que a gente tem que saber votar. Mas como a gente vai saber votar na pessoa boa? Fazem a promessa e não cumprem. [...] Eu gosto de ter meu dinheiro para comprar minhas coisinhas. Ou é a ostra ou é a aroeira, porque a gente tem que se virar como pode, né (M.G.P., catadora de ostras do Quilombo de Barrinha).

3 | TRADIÇÃO E CULTURA NOS PROCESSOS SUBJETIVOS DAS MULHERES QUILOMBOLAS

A continuidade a pesquisa aconteceu com o planejamento da festa referente a data da Consciência Negra, onde a equipe do Projeto Mulheres na Pesca, participou com a produção de imagens e vídeos da cultura do Jongo. Foi produzido um vídeo da Festa da cultura quilombola, específica do Quilombo de Barrinha.

O Projeto Mulheres na Pesca participou da VII comemoração do mês da consciência negra, nos dias 24 e 25 de novembro de 2019 com a produção audiovisual da festa. A festa foi realizada no Quilombo de Barrinha. A festa está oficialmente na oitava edição,

mas já é realizada de maneira informal, desde a época do Sr. Ademar Ferreira, que foi o primeiro líder deste quilombo. O intuito desse evento é refletir sobre a luta pela construção da identidade quilombola. Comidas típicas são feitas, como mandioca, carnes, caldos e são distribuídas gratuitamente.

A festa é assim: a gente pede e não vende nada dessa comida, a gente faz para chamar o povo mais para perto da gente. Eu faço o cardápio assim: feijoada, arroz, farofa, galinha no aipim. Essas comidas típicas, porque bem meu pai falava que as comidas do quilombo são essas (Líder do quilombo de Barrinha, vídeo da VII festa quilombola – 2019).

No vídeo produzido durante essa comemoração, a líder quilombola, em sua narrativa, descreve o cotidiano dessas mulheres catadoras de ostras, em seus saberes e fazeres tradicionais:

A gente foi criado, o nosso dia-a-dia era tirando a ostra, o marisco. Aonde que a gente tirava de manhã para o almoço e a tarde a gente ia tirar para o jantar. E hoje essa tradição ainda existe na nossa comunidade, as marisqueiras. Aqui, o pessoal vive do marisco e da pesca e do corte de cana e das casas de família. Mas só que os veranistas só vêm aqui no verão. Quando acaba o verão, eles vão embora, então, eles não têm mais o emprego. Aí eles vivem do marisco. Tem dias que elas **(as catadoras de ostras)** saem 5h da manhã para ir a pé até Manguinhos. Você passou e viu a placa de Manguinhos e aí eles vão e aí eles vão empurrando a bicicleta, porque têm mulheres que não sabem andar de bicicleta. Elas vão lá e tiram as ostras e vão empurrando a bicicleta até a casa para poder tirar o marisco para vender, para poder acrescentar à mesa o sustento ali.

O jongo de raiz é representado como forma expressiva, estético-cultural. Os ancestrais desses remanescentes quilombolas repassaram por várias gerações e Dona Lídia faz questão de manter essa tradição cultural na comunidade quilombola. A líder quilombola afirma até mesmo que não muda de religião, para que essa tradição não se perca no tempo. Ela faz questão de ensinar aos novos membros do quilombo e realizar a festa quilombola.

O jongo significa para mim a presença do espírito do meu pai, porque eu vejo que eu canto as músicas do meu pai. Meu irmão bate o tambor do meu pai. Então, eu sinto que o meu pai está presente (Lídia de Barrinha- Presidente da associação rural de mulheres artesãs e agricultores quilombolas de Barrinha - festa quilombola . 24 de nov de 2019).

No momento da apresentação do jongo, as mulheres usam lenços na cabeça, saias rodadas e os homens, vestidos formalmente, batem o tambor, enquanto todos cantam após a líder quilombola cantar:

Vamos começar o nosso jongo de raiz, a nossa tradição, da Comunidade Quilombola. Vamos chegar perto do tambor para bater as suas palmas ... "Se essa mulher fosse minha, eu ensinava a comer. Eu dava farinha com sal, aí ela ia vê..."

Há um vínculo potencial entre a história econômica de uma localidade e as descobertas tecnológicas e científicas. Diante desta reflexão, sabemos que esses remanescentes quilombolas atualmente gozam do direito à terra de herança com o esforço físico de seus antepassados para a construção do desenvolvimento da região Norte Fluminense, reconhecido oficialmente. Os filhos e as filhas das catadoras de ostras, assim como outros integrantes do quilombo, atualmente estudam na Universidade Norte Fluminense Darcy Ribeiro, dentre outras instituições de ensino e pesquisa, a nível federal, estadual e particular. Esse acesso a novos conhecimentos, com saberes hibridizados pelas culturas diversas, potencializa ações benéficas na comunidade. O autor Haesbaert (2014) nos ensina que :

A exclusão aviltante ou as inclusões extremamente precárias a que as relações capitalistas relegaram a maior parte da humanidade faz como que muitos, no lugar de partilharem múltiplos territórios, vaguem em busca de um, o mais elementar território da sobrevivência cotidiana.

É a esse processo de vagância em busca de um território que o autor reserva uma concepção mais social de desterritorialização, que pensa a territorialização (material e imaginária) sob condições de exclusão socioespacial, invertendo as interpretações hegemônicas que expressam sempre positivamente os processos contemporâneos de deslocalização e de mobilidade. (HAESBAERT, 2014).

Emergiu ,então, uma concepção mais social do sujeito. O indivíduo passou a ser visto como mais localizado e “definido” no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna , de acordo com Hall (1998, p. 30). Para esse autor, dois fundamentos constituíram a integralidade desse sujeito, a biologia darwiniana, que procura a razão que fundamenta o desenvolvimento físico do cérebro humano e as novas ciências sociais, que enfatiza o indivíduo soberano, como figura central nos discursos da lei e da economia moderna. A partir desses processos, de forma cartesiana , as discussões ocupavam-se de racionalizações e excluía(m) o processo subjetivo do cerne da questão. Hall (1998) nos ensina :

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadoras deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. (HALL, 1998, p. 62)

Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo”. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo. É tentador , portanto, tentar usar a etnia dessa forma “fundacional”. Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única

cultura ou etnia. **As nações modernas são, todas, híbridos culturais.** (HALL, 1998, p. 62, grifo nosso).

É ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno da raça. Em primeiro lugar, porque, contrariamente à crença generalizada – a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos no interior do que chamamos de “raças” quanto entre uma “raça” e outra. A diferença genética – o último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria discursiva e não biológica . Isto é , ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas , a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 1998, p. 62,63)

Além de tecermos considerações sobre o racismo étnico, podemos ainda abordar a intersectorialidade com a questão do gênero, da cultura, das relações com o meio ambiental que permeiam a riqueza conceitual que é latente e potencializa essa pesquisa, principalmente no atual momento que vivenciamos , na relação da ameaça ao estado democrático de direito. A pesquisa traz aspirações por um fazer coletivo, político e social, que possa integrar essa complexa discussão da diáspora africana com o território das águas ocupado por mulheres quilombolas em tessituras e artes de fazer singulares, tradicionais. Esses dados precisam ser evidenciados para potencializar as políticas públicas em favor das mulheres que trabalham na cadeia produtiva da pesca.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trata da visibilidade dada as mulheres do Quilombo de Barrinhas. Pela sociologia das ausências, Boaventura Souza Santos (2000) trata da importância de evidenciar saberes culturais, fazeres tradicionais e, nessa pesquisa de pós doutorado, a inclusão das mulheres nesses saberes e fazeres, configurando-se numa relação de poder pelo reconhecimento legítimo de sua categoria de catadoras de ostras nas políticas públicas de nosso país.

As mulheres quilombolas de Barrinha não possuem o reconhecimento de sua categoria como catadora de ostras na política da pesca, a nível nacional e local. Por isso, para o fortalecimento da identidade de catadoras de ostras, exigem que suas referências estejam vinculadas à prática da extração desse molusco, a “ostra do mangue”. O que nos alerta para a luta em não se assumirem como marisqueiras de mexilhões da espécie *perna-perna* (sururu), que já possuem o defeso (período em que a categoria recebe um benefício do governo substituindo a extração do mexilhão, que encontra-se em época de reprodução) garantido, além de outros benefícios, fazer parte da composição da Colônia de Pesca.

Durante nossas inferências na e com a comunidade, apenas 30% das mulheres

nos recepcionaram , já que as demais catadoras de ostras estavam fora da comunidade, desenvolvendo outras atividades que as competiam enquanto donas de casa. Durante o diálogo com a líder comunitária, Sr^a Lidia, muitas narrativas foram produzidas. Essas narrativas subsidiarão nossas apresentações em eventos e publicações, tais como “*Sou Lídia, vou te levar até aonde estão as catadoras de ostras. Por favor, chame elas de catadoras de ostras, não somos marisqueiras*”. O que nos alerta para a honestidade em não se assumirem como marisqueiras, que já possuem o defeso⁷ garantido , além de outros benefícios e fazer parte da composição da colônia de pesca.

Outras narrativas também trouxeram à tona, uma realidade triste, invisibilizada, que Santos (2000) traduz com “democracia de baixa intensidade”. Segundo o autor, a democracia de baixa intensidade configura-se numa democracia velada, que exclui grupos tradicionais de seus direitos básicos. A opressão perdura nessa falácia lógica democrática que não inclui a todos e todas.

As fichas da comunidade foram elaboradas com informações do conflito vivenciado. O maior deles é o não reconhecimento dessas mulheres enquanto catadoras de ostras. Pois os conflitos socioambientais já enfrentados no passado, com a instalação do Porto Canaã, que mobilizou a comunidade em participação em audiências públicas. Nessas audiências, houve a tentativa de os silenciarem, mas a resistência da líder quilombola foi maior, e sua mobilização ocorreu com a proteção do Ministério público da localidade de São Francisco de Itabapoana.

O projeto Mulheres na Pesca atualmente investe na divulgação de vídeos produzidos na festa cultural no dia da Afro descendência, comemorado no final de novembro de 2019. A tradição é garantida pela comunidade que carrega um legado de dor e exclusão. Além de um vídeo que apresenta o conflito vivenciado por essas mulheres, que está em fase de edição para compor o Mapa dos conflitos da página virtual do Projeto Mulheres na Pesca.

Sem a pretensão de concluir uma pesquisa, os encontros e proposições junto aos demais pesquisadores e professores que supervisionam o Projeto Mulheres na Pesca, que insere essa pesquisa sobre as mulheres quilombolas em Barrinhas – RJ, podem trazer a tona novas inferências que acataremos na produção final da cartografia das mulheres da cadeia produtiva da Pesca – RJ. Já mencionamos aqui que somos parte de um macro projeto, mas que trazemos a peculiar tradição histórica e cultural, no entrelaçamento ambiental do cotidiano das mulheres quilombolas catadoras de ostras .

A história e a cultura são fortemente marcadas nas linhas e entrelinhas dessa investigação. Partimos do pressuposto do trabalho dessas mulheres negras na pesca, como está a sua inserção e seus déficits no sentido de ocupar um espaço nas políticas públicas de reconhecimento das mulheres catadoras de ostras – uma qualificação profissional de cunho tradicional entre essas mulheres.

Bhabha (1998), nos fala de negociação como possibilidade de articular elementos

7 Período que recebem benefícios do governo federal enquanto a espécie capturada se reproduz

antagônicos ou contraditórios. Para o autor, o saber político só se constitui através de um processo de alteridade e outridade. Assim, o tempo de tradução da cultura tem ligação histórica entre o sujeito e o objeto da crítica, de modo que não possa haver uma posição essencialista apenas. O tempo de tradução cultural é um “[...] movimento de significado, o princípio e a prática de uma comunicação que [...] põe o original em funcionamento para descanonizá-lo” (BHABHA, 1998, p. 313).

Partimos dos encontros no Quilombo de Barrinha- RJ como ponto de partida e paralelo a esses encontros, as análises de base etnoecológica (DIEGUES, 2000) que investiga a relação intrínseca entre a comunidade e o ambiente – numa simbiose entre história, tradição e cultura⁸. A importância do reconhecimento dos fazeres, saberes e poderes dessas mulheres trazem à tona a discussão sobre empoderamento negro feminino e a construção do discurso que reafirma essas questões e reflexões acerca da (re) existência das culturas, que são múltiplas e potentes para a construção da cidadania e de uma sociedade, e das sociedades igualitárias. Viva da diferença! Viva o múltiplo... a riqueza cultural que essa pesquisa traz nos empodera frente ao conservadorismo imposto nesses últimos tempos no cenário nacional.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Márcia Moreira de. **Educação ambiental numa simbiose com a tradição e história local na formação de professores**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Políticas Culturais Urbanas**. In: Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 6º Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 283p.

CARDOSO, Analice R. **Construção da identidade e território: O Caso da comunidade Quilombola de Barrinha em São Francisco de Itabapoana -RJ. Monografia (Geografia)**, IFF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2009.

CERTEAU, M.A. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, G. (1968). (1969). **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. **Conversações**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

⁸ ARAÚJO, Márcia Moreira de. **Educação ambiental numa simbiose com a tradição e história local na formação de professores**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

DIEGUES, Antônio Carlos(Org.).**Etnoconservação:novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Annablume,2000.

DIEGUES, A. C.;PEREIRA E.B.,**Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação**; In: Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 37-50, Editora UFPR : jul./dez. 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p.17.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade** . 2 ed.- Rio de Janeiro: DP&A , 1998.

HELLEBRANDT, L.M. **Mulheres da Z3 : o camarão que “come” as mãos e outras lutas- contribuições para o campo de estudos sobre o gênero e a pesca**. TESE (doutorado). Universidade de Santa Catarina: 2017.

SANTOS, B. S. **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política/** Boaventura de Sousa Santos.- 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Reinventar a democracia**. 2ª ed. Lisboa: Gradiva. 2002

_____. **A crítica da razão indolente – Contra o desperdício da Experiência**. São Paulo: Cortez.2000

SILVA, J. B. **O papel dos mediadores na (Re) construção da identidade étnica de duas comunidades quilombolas do norte fluminense: Barrinha e Machadinha**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2009.

PASSOS, E. KASTRUP, V. & ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 65, 67, 68, 69, 141, 142, 145, 146, 192, 193, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 257, 283, 295, 308

Acolhimento 57, 65, 66, 105, 152, 176, 177, 237

Aluno surdo 35, 37, 38, 41, 44, 138, 139, 140, 143, 144, 148, 169, 205, 254, 255, 257, 259

Autoetnografia 242, 243, 244, 250, 251

Avaliação psicológica 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80

B

Brincar 50, 54, 102, 103, 131, 137, 182, 193, 274

C

Cegueira 63, 64, 67, 69, 143, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Construção da aprendizagem 51, 52, 138

D

Deficiência visual 26, 50, 51, 57, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 169, 186, 229

Desenvolvimento da leitura 82, 83, 87, 88, 89, 90, 93, 94

Desenvolvimento do autista 96, 97

Dificuldades de aprendizagem 82, 83, 85, 86, 94, 95, 117, 118, 121, 122, 127, 158

E

Educação 17, 20, 22, 25, 26, 30, 34, 35, 48, 50, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 72, 76, 80, 82, 87, 96, 97, 98, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 122, 124, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 168, 170, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 211, 212, 213, 216, 217, 223, 224, 234, 236, 239, 240, 242, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 267, 268, 269, 271, 272, 278, 279, 281, 282, 283, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308

Educação com o sonoro 181

Educação de jovens e adultos 149, 150, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 204, 211, 247, 251, 261, 300, 307

Ensino 14, 19, 20, 23, 24, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 47, 48, 50, 51, 55, 65, 67, 76, 82, 83, 84, 87, 90, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122,

130, 131, 132, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 172, 175, 185, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 278, 284, 285, 288, 293, 294, 298, 299, 301, 302, 304

Ensino colaborativo 33

Ensino de matemática 107, 112

Ensino e aprendizagem 90, 106, 111, 112, 117, 119, 158, 172, 193, 199, 201

Ensino superior 19, 20, 24, 30, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 243, 248, 249, 250, 255, 259

Escrita 22, 33, 35, 52, 55, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 115, 169, 176, 196, 197, 244, 245, 249, 252, 286, 294

Evasão escolar 142, 144, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160

G

Gênero 1, 2, 7, 9, 10, 11, 15, 18, 236, 238, 240, 242, 243, 245, 308

I

Inclusão universitária 19, 20, 21, 22, 29

Intérpretes de libras 253

J

Jogos didáticos 50, 51

Jogos pedagógicos 192, 193, 194, 195, 196, 201

L

Libras 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 48, 52, 53, 76, 139, 143, 146, 161, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 205, 211, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 282, 283, 284, 285, 289, 290, 294, 295, 296

M

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 34, 63, 67, 70, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 247, 250, 251, 285, 308

Mulheres quilombolas 1, 2, 3, 7, 10, 12, 15, 16, 308

O

Oficinas 25, 219, 220, 295

P

Pais surdos 161, 164, 165, 166, 167, 174, 175, 177, 178, 179, 180

Papéis sociais 234, 235, 237, 238, 239, 268

Papel do afeto 96

Paralisia cerebral diparética 192, 194, 196, 197, 201, 202

Pesca 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 308

Pessoas com deficiência 19, 20, 21, 22, 23, 25, 30, 57, 58, 59, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 108, 110, 111, 116, 130, 132, 135, 139, 140, 142, 145, 146, 147, 214, 216, 217, 218, 219, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 294

Processo de alfabetização 47, 84, 88, 89, 113, 192, 193, 194, 196, 201

S

Sociedade e Direito 234

Soroban 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

T

Tecnologia 29, 35, 55, 88, 139, 141, 145, 146, 161, 279, 282, 284, 289, 308





Transtorno de déficit de atenção 23, 86, 117, 121, 127

V





Violência na escola 260, 261, 262, 265, 266, 268, 271, 272

Vivências 60, 61, 72, 99, 100, 105, 153, 193, 204, 242, 273, 275, 277

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br